

# **A ARÁBIA SAUDITA E A PRIMAVERA ÁRABE: A ATUAÇÃO PARA PRESERVAR O *STATUS QUO***

**Tiago Valêncio de Melo<sup>1</sup>**

**Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)**

**E-mail: tiagovalencio@hotmail.com**

## **RESUMO**

**A Primavera Árabe representou um momento de profundas mudanças para o contexto regional do Oriente Médio, a sequência de manifestações iniciadas em 2011 na Tunísia foram assimiladas em grandes proporções pelas camadas populares dos países da região, logo todo o Médio Oriente se via envolto em um cenário de protestos, manifestações e quedas de regime que traziam insegurança aos atores que buscavam, primeiramente, a sobrevivência de seus próprios regimes. Neste cenário, o presente trabalho busca analisar o papel desempenhado pela Arábia Saudita durante os desdobramentos internos e externos oriundos das revoltas tanto em seu próprio país, quanto nos vizinhos. A finalidade do trabalho se dá no sentido de compreender a dinâmica das ações empreendidas por Riad em dois diferentes casos (Bahrein e Síria) para assim compreender a real natureza dos interesses monárquicos na região.**

## **PALAVRAS-CHAVE**

**Primavera Árabe; Arábia Saudita; Conselho de Cooperação do Golfo; Oriente Médio.**



Foto: REUTERS

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade analisar os desdobramentos causados pelo fenômeno conhecido como Primavera Árabe no âmbito regional do Oriente Médio, utilizando como ponto de referência e objeto da análise o caso da Arábia Saudita, uma tradicional potência energética e política da região e com estreitos vínculos ocidentais.

Para a realização de tal análise foram utilizados, de maneira mais específica, dois casos distintos da atuação saudita durante os conflitos e manifestações que se sucederam na região a partir de 2011, sendo tais casos, as revoltas ocorridas no Bahrein e a Guerra Civil na Síria.

O objetivo de tal comparação consiste em identificar se apesar da sua natureza distinta – buscando a derrubada do regime na Síria e a manutenção no Bahrein – ambos os casos defendem os mesmos interesses, ou seja, a manutenção do atual equilíbrio de poder regional.

O presente trabalho utiliza-se do método histórico-descritivo e analítico em sua elaboração.

## A PRIMAVERA ÁRABE E SEUS DESAFIOS PARA O REINO SAUDITA

As consequências da Primavera Árabe – denominação dada à sequência de eventos que resultou na derrubada de diversos regimes ao longo do Médio Oriente entre 2010 e 2012 – foram sentidas em todo o Oriente Médio, os protestos que se iniciaram na Tunísia e espalhavam-se como uma febre por Egito, Líbia e outros relevantes atores regionais, expunham as fragilidades de regimes antes tidos como estáveis e seguros.

Tendo-se consumada a queda de Ben Ali, na Tunísia, em 2011 e a iminente derrubada de Mubarak no Egito, a Arábia Saudita – mais relevante ator das monarquias do Golfo Pérsico, ao lado do Qatar – passa a identificar tais movimentos como uma ameaça, uma vez que as revoltas passavam a derrubar regimes outrora aliados de Riad. Além do claro cenário de incerteza, o reino saudita passava também a temer a possibilidade de um efeito dominó, tal qual aponta Elashmawy (2014, p.2-3):

After the downfall of the Tunisian president Ben Ali and the rise of protests in Egypt against Mubarak leading to his ouster, Riyadh feared domino effect in the region. As the Kingdom was already facing a troubled environment (in Yemen, Lebanon, Iraq,...etc.), the Arab uprisings added

new uncertainties as they overthrew Riyadh's allies in the region<sup>2</sup>.

Os temores sauditas de que as revoltas oriundas da primavera árabe espalhar-se-iam para seu próprio território acabaram por revelar-se verdadeiras, logo em março de 2011. No entanto, tal qual aponta Steinberg (2014, p. 7), a exemplo do caso da maior parte das monarquias do golfo, o reino saudita não encontrou maiores dificuldades em suprimir os focos de revolta, utilizando para tal de seu aparato de força e medidas econômicas destinadas a empreender melhorias no nível de vida da população.

The events in Tunisia and Egypt in February and March 2011 also encouraged many Saudis to protest against their own government. At the first sign of unrest the government responded with detentions, an increased presence of security forces, and warnings to the population. At the same time King Abdullah announced direct and indirect payments to the people, intended to ameliorate the economic causes of dissatisfaction in the country. In February and March 2011 he promised to spend a total of \$130 billion on causes including tackling widespread unemployment and housing shortages (STEINBERG, 2014, p.7)<sup>3</sup>.

Todavia, o sucesso saudita em conter as clivagens internas, que surgem dos aflorados ânimos das revoltas árabes, não resultou em um cenário de tranquilidade para os Sauditas no âmbito regional. Embora as manifestações em busca de reformas políticas tenham sido devidamente suprimidas na maioria dos países do golfo, a delicada situação vivida pelo regime monárquico do Bahrein acabou por se tornar uma nova ameaça ao *status quo* tão defendido por Riad.

Tal qual aborda Guzansky (2014, p. 45-46), o Bahrein representa um caso peculiar no Golfo Pérsico, em razão de sua composição étnica – sua população é composta por 70% de xiitas, governados por uma monarquia sunita – e sua proximidade com o Irã, um representante rival de Riad na disputa pela hegemonia regional do Oriente Médio, e que desde a consolidação de sua Revolução Islâmica (1979) demonstra interesse na situação política do país.

Este conturbado cenário, que surge nas vizinhanças do reinado saudita, seria o marco do início de uma atuação mais incisiva dos sauditas no cenário regional, de maneira a tentar controlar os destinos políticos das revoltas árabes a seu favor, tal qual aponta Oliveira (2013, p.90):

O Golfo Pérsico agora seria marcado por uma batalha pela manutenção e mudança do status quo, cujas forças seriam a tentativa da expansão iraniana e a contenção sunita, pautada principalmente pelo papel da Arábia Saudita.

## **A ATUAÇÃO SAUDITA NA PRIMAVERA ÁRABE: A MANUTENÇÃO DO STATUS QUO**

Tendo-se em face a ameaça da difusão das revoltas árabes para sua zona de influência, a Arábia Saudita iniciou seu processo de "combater" tais ameaças ao equilíbrio de poder regional, adotando uma postura mais ativa de forma a combater os movimentos insurgentes nos países mais fragilizados do golfo. Para a execução de tal postura, a Arábia Saudita recorreu à utilização do GCC<sup>4</sup>, obtendo desta maneira o auxílio de outras monarquias do golfo para conter a insurgência no Bahrein e as revoltas que iniciavam-se em Omã.

Uma vez definido o plano de ação para a tentativa de conter a insurgência xiita do Bahrein, o GCC, tal qual exposto por Baabood (2014, p.43), utilizando-se do amplo poderio econômico – advindo das receitas de hidrocarbonetos – para a concessão de um amplo empréstimo para o país e também para Omã, as duas monarquias mais frágeis do golfo.

On 10 March 2011, a Gulf “Marshall Plan” worth of 20 billion dollars was initiated at the Ministerial meeting held in Riyadh to assist the Council’s least rich members who face considerable street protests, namely Bahrain and Oman (ELASHMAWY, 2014, p. 9)<sup>5</sup>.

Pouco tempo depois, em 14 de maio do mesmo ano, tal qual apontado por Oliveira (2013, p. 90), os países do conselho, sob a liderança saudita intervém diretamente no território barenita, após o monarca Al-Khalifa recorrer ao órgão com um pedido de auxílio, consolidando assim os esforços sauditas para conter a insurgência no país.

Tendo-se exposto a participação de Riad no processo de supressão das manifestações e manutenção do regime vigente no Bahrein, deve-se observar também outro importante campo de atuação saudita no contexto da Primavera Árabe: a Síria.

Imersa em um violento e complexo conflito desde o início das manifestações contra Bashar al-Assad, em 2011, a Síria é um relevante ponto de interesse para Riad na região. Embora Damasco tenha firmado estreito laços com o regime islâmico do Irã, a Arábia Saudita tal qual apon-

ta Steinberg (2014, p. 22), ainda nutria esperanças de atrair o regime sírio para sua esfera de influência.

O início de uma atuação mais incisiva de Riad, no que tange à sua participação no conflito sírio, se inicia apenas no verão de 2011, quando o monarca Abdullah exige que o governo de Assad cesse a violenta repressão aos protestos e efetue reformas. Com a negativa do líder sírio em corresponder às ambições sauditas, o reino, tal qual aponta Akgul (2015), passa a buscar a deposição do líder sírio, uma tentativa de expandir sua área de influência para uma potência regional tradicionalmente aliada à Teerã.

Additionally, the fall of Assad might weaken Iran's regional power status. Thus, while the Riyadh regime was supporting opposition and launching initiatives against the Assad regime, Iran supported the Syrian leadership with weapons and fighting units (AKGUL, 2015, p. 6)<sup>6</sup>.

No entanto, os planos de Riad para o estado sírio não perpassam pela mera destituição de Assad do cargo de governante do país, Hassan (2013, p.21-22) expõe a nítida intenção por parte do regime monárquico saudita de se estruturar uma gradual transição de poder no país, atentando-se para a consolidação de um regime que mantenha as estruturas estatais intactas e que possa ser atraído para sua área de influência, em detrimento do campo de influência iraniano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo-se realizado esta breve análise a respeito do papel da Arábia Saudita na Primavera Árabe e sua atuação no sentido de manter as estruturas de poder regionais, nota-se claramente o compromisso do regime monárquico em defender a estabilidade dos regimes do golfo pérsico e impedir um aumento da zona de influência iraniana na região.

Em relação ao primeiro questionamento, que aborda o aspecto de se perpetuar a ordem interna vigente nos países membros do Conselho de Cooperação do Golfo, a postura adotada por Riad em relação ao conturbado momento vivido pelo Bahrein, em 2011, deixa clara a intenção de preservar o máximo possível a integridade dos regimes aliados. Tanto a Arábia Saudita quanto os demais países do golfo, imediatamente mostraram-se dispostos a assumir uma postura homogênea em relação ao caso barenita – apesar das divergências entre Riad e Doha na condução de outros casos – primeiramente com um auxílio econômico

e posteriormente com a presença física no território para contenção do movimento.

Já em relação ao caso da Guerra Civil na Síria, a postura intervencionista de Riad se dá no sentido de enfraquecer o poderio iraniano na região. Identificado como um inimigo pela monarquia saudita, o Irã tem sido um tradicional rival do reino nas questões regionais do Oriente Médio, quer seja pelo temor de que Teerã propague sua revolução islâmica para o golfo – através do Bahrein – ou pela intrínseca disputa pelo posto de potência regional dominante travada por ambos os países.

Em síntese, pode-se afirmar que apesar de sua atuação no sentido de buscar a derrubada do regime vigente na Síria, o papel assumido pela Arábia Saudita durante a Primavera Árabe é a de um agente mantenedor do *status quo*, interessado na preservação de seus próprios interesses e em manter a existência de seu próprio sistema de governo.

## REFERÊNCIAS

AKGUL, N. S. Pinar. **The Policy of Saudi Arabia towards Syria after the Arab Spring**, 2015.

BAABOOD, Abdullah. Gulf Countries and Arab Transitions: Role, Support and Effects. **Transitional Processes and Political Change in Arab Countries**, 2014, p. 42-47.

ELASHMAWY, Sherif. **The Foreign Policies of Saudi Arabia and Qatar towards the Arab Uprisings: The Cases of Egypt, Libya and Bahrain**. Innsbruck., 2014.

GUZANSKY, Yoel. Immortal Monarchies? Saudi Arabia, the Gulf States, and the Arab Spring. **Strategic Assessment**, vol. 17, n. 2, Jul. 2014, p. 43-52.

HASSAN, Hassan. The Gulf States: United against Iran, divided over Islamists. DACEY-BARNES, J. e LEVY, D. Orgs. **The Regional Struggle for Syria**. Londres: ECFR, 2013, p. 17-24.

OLIVEIRA, João Paulo Ferraz. **O Conselho de Cooperação do Golfo e sua atuação na manutenção do status quo na Primavera Árabe**.

[Dissertação], UFMG, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-9FYF6M>>. Acesso em: 13 agosto 2016.

STEINBERG, Guido. **Leading the Counter-Revolution: Saudi Arabia and the Arab Spring**. Stiftung Wissenschaft und Politik: Berlin, 2014. Disponível em: <[https://www.swp-berlin.org/fileadmin/contents/products/research\\_papers/2014\\_RP07\\_sbg.pdf](https://www.swp-berlin.org/fileadmin/contents/products/research_papers/2014_RP07_sbg.pdf)>. Acesso em: 20 agosto 2016.

Notas

<sup>1</sup> Bacharel do oitavo semestre do curso de Relações Internacionais da UNIPAMPA. Pesquisador do Grupo de Análise Estratégica—Oriente Médio e África Muçulmana (GAE-OMAM).

<sup>2</sup> “Após a queda do presidente da Tunísia, Ben Ali, e o aumento dos protestos no Egito contra Mubarak, que levaram a sua queda, Riad temeu pelo efeito dominó na região. uma vez que o reino já vivenciava um ambiente conturbado (Iêmen, Líbano, Iraque... Etc.), as revoltas árabes criaram incertezas, ao subverter aliados regionais de Riad.” (Tradução nossa)

<sup>3</sup> Os acontecimentos na Tunísia e no Egito em fevereiro e março de 2011 também encorajaram muitos sauditas a protestar contra seu próprio governo. Ao primeiro sinal de inquietação o governo respondeu com detenções, um aumento da presença de forças de segurança e advertências para a população. Ao mesmo tempo, o rei Abdullah anunciou pagamentos diretos e indiretos para as pessoas, destinados a melhorar as causas econômicas da insatisfação no país. Em fevereiro e março de 2011, ele prometeu gastar um total de US \$ 130 bilhões de dólares em causas incluindo ataque ao desemprego e escassez de habitação generalizados. (Tradução Nossa)

<sup>4</sup> Conselho de Cooperação do Golfo.

<sup>5</sup> “No dia 10 de março de 2011, um "Plano Marshall" do golfo, no valor de 20 bilhões de dólares foi iniciado após uma reunião ministerial em Riad, com o objetivo de prover assistência aos países menos abastados do conselho e que enfrentavam protestos populares, especificamente Bahrein e Omã” (Tradução Nossa)

<sup>6</sup> “Adicionalmente, a queda de Assad poderia enfraquecer o status de potencia regional do Irã. Além disso, enquanto o regime de Riad apoiava grupos de oposição e lançava iniciativas contra o regime de Assad, o Irã apoiava o governo sírio com armamentos e unidades militares” (Tradução nossa)